

# AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PEREZ

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO III — N.º 53

Rio de Janeiro, Terça-feira, 22 de Março de 1949

Preço: Cr\$ 0,50

CAIXA POSTAL 4.588

Encontramo-nos na época em que a comédia democrática atingiu o seu ponto culminante e começa a pender para a ditadura. É a época pre-ditatorial.

Os acontecimentos históricos demonstraram que o produto da democracia não é o socialismo libertário, mas o Estado totalitário. Entretanto, afirmam os democratas que a democracia começa além dos campos de concentração. Esta afirmação é falsa, pois, a palavra "democracia" é apenas o rótulo do Estado capitalista; e todo Estado, seja qual for sua tendência política, é fonte de infâmia e de corrupção moral e material, de hipocrisia e de opressão, de fanatismo e de barbaridade, pois ele é um maquinismo insensível, que subjugou o indivíduo indefeso as leis, as quais não nasceram nem encontraram eco no seu coração: leis que vêm de cima, mas que não jorram da sã e profunda sabedoria senão da arrogância e da venalidade, que ameaçam ou que escondem a basófia atrás do sorriso de um comediante. Por tudo isso é o Estado uma instituição antilibertária e mesmo liberticida.

O ideal dele não é a comunidade de irmãos que têm os mesmos direitos, não é a cooperação livre, mas o do pai desnaturado diante de seus filhos, dele dependentes. Esse fato, tão notório a todos os que conservam a vista clara, não impede que os chamados democratas, ao falarem, o façam em todas as tonalidades libertárias. Mas essa torcedura da realidade explica-se exclusivamente pela falta de definições claras.

Os democratas opõem-se ao fato de que a realização da liberdade só é possível quando a democracia se transformar de tal modo, que a felicidade do indivíduo e seu desenvolvimento sejam as únicas finalidades da cultura e da civilização e a que isso só seja realizável numa

## A REALIDADE

Por GERMINAL

sociedade descentralizada, em que o homem seja economicamente livre, sem estar submetido a um poder central que protege seus exploradores e colabora com eles para suprimir a sua vontade e rebaixar as suas condições de vida.

Nunca na sua história tentaram os democratas a realização de tais finalidades; ao contrário, ridicularizaram-nas como sonhos de alguns utopistas.

Mas esses sonhos utópicos são concretíssimos. Exigem, nem mais nem menos, que uma organização social e econômica em que o indivíduo é um membro livre de fato e um sócio real da economia e não mais o escravo do Estado e do capitalismo.

Conclui-se daí que a efetivação da liberdade, do bem-estar, da paz e da harmonia depende unicamente das modificações radicais nas condições sociais e econômicas da democracia política.

A exploração do homem pelo homem, os monopólios, a pobreza, as favelas, a fome, a polícia, o exército e a burocracia, todos esses males que encontramos na democracia, nada têm de comum com a liberdade positiva com a civilização e a cultura, com a felicidade do indivíduo.

Para que tivessem, teriam as palavras de perder a sua significação.

Em lugar da economia confusa que predomina na democracia deve erguer-se um organismo econômico que satisfaça as necessidades e corresponda aos esforços do povo e aos seus desejos.

Destarte são os sonhos dos utopistas!

Estamos convencidos de que é impossível ser alguém livre sem ser economicamente independente e, por outro lado, perguntamos: pode alguém chegar a independência econômica sendo escravo?

A abolição da escravatura social e econômica só é possível depois de abolido o Estado e expropriados os meios de produção; nunca por obra de um milagre democrático.

Esta revolução social é a mãe duma organização que se chama: Anarquia, a mais sublime constituição social e econômica, criadora das condições culturais necessárias para que o indivíduo possa desenvolver todas as suas capacidades naturais.

O Estado subordina o homem a interesses que não são os seus e, por isso, enfraquece sua personalidade, destituindo-o do direito de orientar a produção e o consumo, deixando para ele somente uma possibilidade insignificante de desenvolver as suas aptidões, sua iniciativa e espontaneidade, conservando-o assim obediente e servil.

A anarquia baseia-se na livre acórdio que corresponde aos anseios e à vontade de todos. Isto quer dizer, que ela funcionará em benefício do povo e será dirigida pelos princípios do direito natural e da razão.

O resultado? Seja qual for não poderá ser pior que a escravatura estatal.

Na anarquia desaparecerá por completo a classe proletária; o povo dominará as forças econômicas e sociais e o indivíduo participará das responsabilidades e empenhará sua inteligência em seu trabalho. A anarquia devolverá ao

indivíduo a atividade livre e unirá seus interesses com os da sociedade. A finalidade de tal sociedade se identificará com as diretrizes e os esforços individuais — não teoricamente, mas de fato.

Para realizar a anarquia é necessário substituir o mercado de escravos moderno pelo direito de auto-determinação.

O critério que necessitamos adotar em tal organização é o de que o indivíduo tome parte em todos os empreendimentos de sua vida e da sociedade — não por um ato formal como o de depositar um voto numa urna, mas por seu trabalho e sua iniciativa.

A primeira condição para realizar este sonho dos utopistas é o de ter coragem para reconhecer e confessar que o Estado é a causa principal de todos os sofrimentos e de todas as misérias que atualmente existem.

A época em que forçaram os povos a aceitar o Estado como órgão administrativo, foi a ocasião mais negra da história humana pois nesse dia envenenaram a liberdade, a fraternidade e a igualdade.

Se a democracia não mais se escondesse atrás das urnas de votação, mas passasse à ofensiva, marchando para a frente com o fito de realizar aquilo que vive na subconsciência de todos; se a democracia fosse capaz de encher os corações com a mais forte fé, a verdade, a vida e a liberdade, concretizaria então o verdadeiro pensamento anárquico... mas isso excede a todas as esperanças e a democracia se torna, assim, um sonho utópico; é uma ideologia que se concretizou em dogmas sem vida.

É um instrumento dos partidos que nada fazem para realizar a liberdade. É uma utopia, que, quando se pensa estar realizada, se transforma em demagogia e tirania. É uma hierarquia baseada na credulidade e na mentira.

## Figuras do Anarquismo



PEDRO ESTEVE

Pedro Esteve nasceu no dia 29 de Fevereiro de 1866, no bairro de San Martín, na cidade de Barcelona, Espanha. Faleceu no dia 14 de Setembro de 1925, em Weehawken, N. J. Norte América, com 59 anos. Em sua juventude aprendeu o ofício de tipógrafo, na imprensa da Academia, com os camaradas Anselmo Lorenzo, Pellicer e Paraire; com eles editava o semanário anarquista O PRODUTOR.

Chegou a New York, no mês de Julho de 1892, onde permaneceu poucos meses, trasladando-se para Cuba; com seu amigo Adrián del Valle regressou a Norte América onde com vários camaradas editou O DESPERTAR que durou vários anos. Mais tarde tirou O ESCRAVO E DOCTRINA. Unido com a companheira italiana Maria Roca, entrou em contato com os camaradas italianos, participando em fins do século passado da direção do semanário de língua italiana LA QUESTIONE SOCIALE. Residiu durante alguns anos em Tampa, Filadélfia, e foi um dos mais ativos militantes nas lutas sociais pelo que sofreu várias tentativas de linchamento, tendo participado na primeira greve geral realizada naquela localidade.

Regressa a New York em 1911 atendendo a um chamado de camaradas espanhóis, e funda CULTURA PROLETARIA que apareceu até 1917, sendo suspensa por determinação da polícia da "grande democracia do norte". Reaparece CULTURA PROLETARIA em 1921, e dela foi diretor até 1925, quando morreu. Possuidor de extraordinária cultura, teve participação tanto na Espanha, como em Cuba e nos Estados Unidos, de congressos internacionais, excursões de propaganda, debates, conferências e polémicas contra o reformismo socialista. Escreveu centenas de trabalhos sociais; alguns foram reproduzidos em livros, sendo os mais importantes: "Socialismo e Anarquismo" e "Ditadura e Federalismo".

Sua companheira Maria Roca Balzarina, foi, durante a juventude, uma ardente lutadora, partilhando a vida agitada, as tristezas e alegrias de seu companheiro, um dos pioneiros do ideal anarquista.

## AOS LEITORES

Por acórdio com os companheiros de São Paulo, "AÇÃO DIRETA" passa a publicar-se mensalmente, alternando a sua saída com a de "A Plebe".

Aos companheiros e simpatizantes chamamos a atenção para o balancete que em outra parte publicamos. Nêle vemos que a nossa receita está muito abaixo da despesa. Existe saldo porque "AÇÃO DIRETA" não saiu regularmente todos os meses. Mas, se não aumentarem as contribuições, em breve nos veremos em dificuldades para editar o jornal. Por isso fazemos um apêlo para que todos deem a sua ajuda na medida de suas possibilidades.

Agradecemos também que nos enviem colaboração, bem como qualquer crítica ou sugestão no sentido de melhorar nosso jornal.

Os que desejarem números atrasados de "AÇÃO DIRETA" façam seus pedidos para a Caixa Postal n.º 4588.

Valores em nome de Manuel Perez. Leiam "A Plebe": pedidos à Caixa Postal n.º 2162 — São Paulo.

Únicos beneficiários são as classes dirigentes, poderoas enfim os homens desenvolver sua personalidade sem frustrações de ordem econômica, política ou religiosa; e fatalmente a mesquinhez e o egoísmo decorrentes do ambiente individualista, desaparecerão totalmente de sua personalidade, desenvolvendo-se ao contrário o sentido da comunidade de interesses, do Auxílio mútuo e da Solidariedade!

Faria

## UM MONSTRO O INDIVÍDUO E O MEIO

Noticiaram os jornais que um desconhecido ofereceu um milhão de dólares ao Papa. O caso não é virgem: há anos, a rainha de Espanha herdou dum tipo análogo respeitável fortuna. Vitória da Inglaterra, o mesmo, várias vezes.

Há indivíduos a quem o Trono hipnotiza, que nunca agradecem bastante aos reis o esplendor de seu poder e a majestade das suas figuras tradicionais. Deploram mesmo não serem bastardos de algum príncipe. E nada os orgulharia tanto como prostituir suas esposas ou suas filhas nos recantos dos palácios. Seriam felizes com o cargo cortesão de *porte-chaises d'affaires* em exercício, sob os grandes Luizes de França. (Este título enigmático designava um funcionário que, descoberto, de espada ao cinto e com traje de cetim, se encarregava, segundo conta o conde de Hézeques, de "dissimular as últimas misérias a que a Natureza nos obriga". O porta-cadeiras entrava, ao despertar o rei, enquanto chamavam à primeira entrada; passava, em seguida, ao guarda-roupa, próximo do leito para ver se não havia alguma coisa, no pequeno mobiliário, que reclamasse a sua vigilância ou a sua solicitude. (Transportar os penicos do monarca é ofício glorioso).

Oferecer um milhão ao Papa! Não a um bispo, a uma paróquia, a uma ordem, a uma missão, mas ao Papa; não ao Papa, favorito celeste que conferência com Deus no templo mais suntuoso da Terra, mas ao homem de carne e osso que habita monumentos incomparáveis, servido por um aristocrático exército de lacaios; ao feliz capitalista cujas propriedades constam no registro de imóveis e que depositará o seu milhão no Banco. O incógnito doador sabe que o desespero conduz os camponeses russos ao canibalismo; que, sob as pontes de Londres, se encontram, todas as manhãs, às dezenas, cadáveres de mendigos; que, do mesmo modo que a fins do século 18, existem solos desolados "onde o lavrador faminto se deita de bruços para morder as ervas que os animais recusaram"; que não faltam mãos mendigas que abram os olhos de seus filhos com nitrato de prata para enternecer o transeunte; que, não apenas os miseráveis, mas os fortes, o talento e

o gênio, agonizam sob o peso da atrocidade coletiva. Mas, que importa? O urgente é oferecer um milhão ao Papa!

Haverá muitos monstros capazes de obsequiar com um milhão a Sua Santidade? Por muitos que sejam, não deixarão de ser monstros. A sociedade inteira pode ser monstruosa a um tempo. A normalidade refugia-se então no cérebro de Sócrates, nos lábios amorosos de Jesus, nos planos pueris de Colombo, ou nos toscos cristais de Galileu. Não é o normal aquilo que abunda, senão aquilo que dura. Não está a verdade no presente, por enorme e brilhante que pareça, mas no futuro, por débil e indefeso que palpite o seu germen. O homem do milhão papal, o que tem ocultado a sua generosidade do mesmo modo que um crime, estará ou não conforme com o ambiente católico. De todas as maneiras é um monstro acabado, digno de nossa curiosidade e do nosso estudo.

Pio 12, cuja vida a Providência guarde, tem um xará apostólico — Pio 3 — contemporâneo daquele ardente e vivaz Renascimento das artes e da livre política, daquela densa vegetação onde as plantas da mais acre peçonha ostentavam as flores mais belas. Estação tropical da história, em que cresceram plenamente sábios univesais como Leonardo da Vinci, críticos como Maquiavelo, ciclopes como Miguel Angelo e bandidos como César Borgia. Se em frente de Pio 12 se levanta hoje o discreto doador do milhão de dólares, em frente de Pio 3 levantou-se, na época do frenesi e dos fanatismos, Pandolfo Petrucci.

Que fez Pandolfo Petrucci com Pio 3? Pandolfo andava de antigo pleito com o Vaticano. Pio 3 caiu doente, talvez sem ajuda alheia. O fato é que Pandolfo, caráter empreendedor, aproveitou as circunstâncias, introduziu em lugar oportuno os seus sicários, e logrou fazer impregnar de veneno as cataplasmas que se aplicavam a Sua Santidade.

As relações de Pandolfo com o Vigário de Cristo foram também monstruosas. Sem dúvida. Mas, monstro por monstro, prefiro Pandolfo. Há nele maior naturalidade e mais inteligência.

Rafael Barreto

O estabelecimento de um sistema social realmente igualitário não será atingido somente no dia em que todos os homens forem bons, como pensam muitos ao afirmarem: — Qual o problema não é tanto de regime, mas dos homens que o compõem! — Não adianta o regime ser bom se os homens não prestam.

Como técnica sofisticada é muito interessante este argumento, mas o fato é que foge totalmente ao problema.

Melhor será se não fizermos hipótese alguma quanto a ser o homem bom ou mau, nem nos preocuparmos em discernir qual o fato mais importante: — se a hereditariedade, se o meio ambiente.

Admitamos porém para fins de raciocínio que todo homem possui ao mesmo tempo uma tendência para o bem e outra para o mal, e que tanto possa o seu lado bom predominar sobre o mau como vice-versa.

Qualquer que seja o fator hereditário em sua personalidade, será o mesmo acentuado ou atenuado por um ambiente que lhe seja propício ou antagônico.

Assim, um indivíduo com tendências hereditárias más, nascido porém num ambiente bom, sadio, de bons costumes, fatalmente serão as suas tendências se não eliminadas, pelo menos aplacadas, ou vice-versa: um indivíduo de tendências hereditárias boas num ambiente mau, provavelmente sofrerá uma dose de corrupção, à qual talvez não resista.

Se a sociedade em que vivemos está de tal sorte organizada, com o seu sistema de competição, e de individualismo extremado no que toca à propriedade, e desta forma facilita o desenvolvimento do lado mau do indivíduo, teremos um conseqüente abaixamento do nível ético social. Devemos pois substituí-la por um sistema social que, facilitando o desenvolvimento do lado bom do indivíduo, eleve o nível ético da sociedade, isto é, devemos substituir o regime de competição pelo da cooperação, e isto só será possível quando não houver mais nem explorados nem opressores.

# Crônica da Inteligência Dirigida

ELE OBSERVAVA OS FATOS, MAS NÃO A "LINHA"

Anuncia-se a morte, num campo de trabalhos forçados de um dos maiores geneticistas do mundo, Vaviloff, antigo presidente da Academia das Ciências de Moscou, presidente do Congresso Internacional de Genética, realizado em Edimburgo em 1939, membro honorário da Sociedade Real de Medicina de Londres e continuador genial dos trabalhos de Mendel e de Morgan. Esse trágico desaparecimento fez com que Henry Dale, presidente da Royal Society, renunciasse ao seu título de membro da Academia das Ciências de Moscou. Outros membros correspondentes desta Academia tomaram idêntica atitude como protesto contra "a execução de Vaviloff por causa do seu não conformismo científico".

Os institutos de pesquisas em que trabalhavam Vaviloff e seus discípulos foram fechados e os seus funcionários liquidados. A ciência genética desapareceu na Rússia. Esta operação política, dirigida por um tal Lysenko, foi apoiada por grosseira campanha da imprensa contra o "darwinismo", a "pseudo-ciência ocidental" e o "caráter fascista e burguês" dos métodos estatísticos em biologia. "O princípio dominante em matéria de ciência é o princípio do Partido", declarou o Pravda. Para o Partido, todos os seus membros (e todos os cidadãos do bloco oriental) têm o dever de *crer* na hereditariedade dos caracteres adquiridos, na obtenção, por Lysenko, de "milhares" e "milhões" de mutações experimentais, na descontinuidade do plasma germinativo, etc.

Um especialista inglês, Dr. Harland, que discutiu outrora diretamente com Lysenko, caracterizou assim a pretensão e a nulidade dessa personagem: "Imaginal um charlatão que pretendesse tratar de cálculo diferencial sem conhecer multiplicação". Acrescentou que considerava Lysenko totalmente ignorante em matéria de genética e de fisiologia vegetal.

Dada a enorme amplitude das repercussões que podem ter as pesqui-

sas genéticas sobre a agricultura e a criação, sobre a microbiologia e as ciências do homem, é lícito esperar que a revolução política operada por Lysenko na ideologia "científica" do bloco oriental, seja uma das mais custosas em desastres econômicos, em destruições e em sofrimentos, entre todas as tentativas totalitárias de violar a natureza e de abolir os fatos por meio do terrorismo policial.

As pulgas começam com o ocidente

O "Prêmio Stalin" do romance foi atribuído ao jovem literato ucraniano Alexander Gontchar, pela sua trilogia sobre as campanhas do exército russo na Europa em 1944 — 45. A travessia dos desfiladeiros da Transilvânia (600 m. acima do nível do mar) é assim caracterizada: "O barulho dos passos ressoava nas pedras eternas que pés humanos jamais tinham pisado".

Que encontram os soldados russos ao penetrarem na Europa, no outro lado desses pincaros intransponíveis? Evidentemente, a mais negra miséria, a servidão, a imundície e... bichos. Estes são revelados da seguinte maneira: Durante a primeira noite passada em território romeno, Kozakov acorda e nota que o seu vizinho, tenente Tcherynykh, não está dormindo. "Que se passa?" pergunta-lhe Kozakov aflito. Tcherynykh explica-lhe que não pode dormir porque as pulgas o devoram. Kozakov tranquiliza-se logo e diz sentenciosamente: "Que que- res? ... É a Europa!"

Trezentos e cinquenta bilhões de francos para nada

Tal é a cifra atribuída em 1949 a um rearmamento que todo o mundo sabe ser absolutamente inútil. Os peritos estrangeiros concordam em afirmar que, dedicando assim ao armamento o terço dum orçamento ordinário de mais de mil bilhões, o Estado francês não garante de nenhum modo a segurança de seu território. Com efeito, a França deveria ser rápida e integralmente evacuada em caso de

guerra europeia, para ser reconquistada mais tarde, "depois de um tratamento atômico suficiente". A parte do exército e do material de guerra que não caísse nas mãos do inimigo seria encaminhada para a África (estão em curso negociações com Franco a respeito da difícil passagem através da Espanha). Para Argel, Casablanca ou Dacar, seria transportado o governo da IV república (menos, é claro, os comunistas, sobre cujo papel de 5ª. coluna não haveria dúvida).

Diante da invasão, excusado é dizer que a "prioridade de circulação", isto é, o monopólio da fuga, ficaria reservado aos oficiais, aos estados-maiores e comitativas. Ao resto da população (civis, mulheres, crianças e velhos) caberia a honra de *resistir*, de ser *depurado*, *violentado*, *pilhado*, *bombardado*, *atomizado*, *libertado*, *contra-depurado*, etc.

A rádio africana e algumas descidas de paraquedas manteriam o moral dos invadidos, em face do totalitarismo oriental. Quanto aos fuzis e às baionetas (dos quais grandes quantidades foram encomendadas às fábricas de armamentos) não se diga que não serviriam para nada!

Estas armas primitivas fariam maravilhas nas mãos das milícias populares comunistas, vigiando o moral no interior, enquanto se reedificasse a muralha do Atlântico, sob as vistas do M. V. D..

Cães e homens

"Um cemitério para cães, em Washington, recusou admitir cães que tivessem pertencido a pessoas de cor..."

"A exclusão dos católicos negros pelas igrejas católicas brancas é um dos aspectos mais perturbadores da discriminação racial nos Estados Unidos".

"260.000 negros, cerca de um terço da população de Washington, estão amontoados na *cintura negra*, composta de medonhos tugúrios sem higiene. Disso resulta que a vida média dum negro é onze anos mais curta que a dum branco".

Manchester Guardian (11-12-48)

# Procissão Trágica

Procissão triste, negra, macábrica. Eles defilam. Vêm da fábrica,

onde os seus braços fecundadores geram riquezas... para os senhores...

Na minha rua, vejo-os passar — jaqueta ao ombro e a dor no olhar...

Trágicos, sujos, em negro bando, passam, abstratos, rotos, sonhando...

Vêm das fadigas duras, malditas, que dão tesouros... aos parasitas...

Passam crianças magras, cloróticas. Vêm das minas atras, despóticas.

Como entristece, como desola, ai!, ver a infância roubada à escola

e à Natureza materna e santa — pródiga máter, que ri e canta.

Mulheres tristes e desgrenhadas às casas voltam, apressuradas.

Elas, que andaram a enriquecer gente que nunca viram, sequer,

voltam aos lares, onde os filhinhos choram, famintos e sem carinhos...

O vulgo passa, passa a gentalha, que nos sustenta, sua, trabalha.

Vêm do campo, vêm da fábrica. Procissão triste, negra, macábrica...

ROBERTO DAS NEVES

Terminaram os bons tempos para os intelectuais

Enquanto o Vaticano põe no Index as obras de Sartre, a imprensa Stalimiana reproduz uma declaração de M. Laurent Casanova, membro do Politburo do P. C. F. segundo o qual findou a época em que os intelectuais podiam ser autorizados a agruparem-se entre si:

"As sociedades profissionais que se

formaram depois da libertação tendiam a tornar-se independentes e a tomar decisões por si próprias, sem recorrer às organizações regulares do Partido. Elas devem acertar o passo daqui para o futuro. Serão controladas por uma Comissão Central do Partido para o Trabalho entre os Intelectuais, que velará por uma perfeita coadunação ideológica. É preciso ensinar os intelectuais a respeitar a autoridade do Partido".

## 5. QUALIDADES DO ESTILO: CORREÇÃO

1. Em meu *Manual de Estilo*, assim classifiquei as qualidades de estilo: *correção, concisão, clareza, harmonia, originalidade, vigor*.

Correção é a equilibrada observância da tradição gramatical dos mestres da língua.

Não sendo de *meta-lingua* este curso, nada exporei sobre os processos de adquirir correção. Remeto os interessados para aquele *Manual* (da p. 11 a 35). Cumpre, entretanto, apurar aqui a veracidade desse critério único de correção contido na definição acima dada. Isso porque vários tem sido os critérios apontados.

2. Com efeito, Jespersen, no capítulo *Standards of Correctness* do seu livro *Mankind, nation and individual from a linguistic point of view* (Oslo 1925, pg. 84-122) analisa todos os critérios até hoje propostos, desde o de Teguér até os de Noreen. Critica-os e, na pg. 94, estabelece nada menos de sete: o de *autoridade*, o *geográfico*, o *literário*, o *aristocrático*, o *democrático*, o *lógico* e o *estético*. Acha que nenhum existe independentemente, devendo o falante ora apegar-se a um, ora a outro. Depois examina um por um, mostrando a parte concernente a cada qual.

Nestes meros pontos de literatura, impossível me seria acompanhar Jespersen e os demais para assinalar minhas adesões e discordâncias.

3. Penso que as dificuldades dos autores decorrem de não haverem assentado o problema devidamente. Quando apelamos, por exemplo, para o consenso dos autores, grita Jespersen que tal critério nada resolve quanto à pronúncia, pois não sabemos como pronunciavam os autores mortos. Ora, pensa ele, pronúncia também é parte da língua; logo, esse critério não resolve a questão.

E não viu Jespersen que jamais houve quem apelasse para autores em assuntos de pronúncia. Se houvesse atentado a isso, logo perceberia ter o problema aspectos vários que não de ser variamente resolvidos.

E' isso o que vou tentar fazer aqui.

4. Em primeiro lugar, é importantíssimo separar *língua usual* de *língua padrão*.

Não podemos aplicar a ambas o mesmo critério de correção. Isso é de toda evidência. Daí o erro formal dos que afirmam: *devemos escrever como falamos*, ou então: *é correto o que o uso determina*.

Esse conceito tem sido externado mormente por linguistas muito azevadados a considerarem *língua* a que fala o povo e manifestarem solene desprezo à língua literária.

5. Feita essa distinção capital, já podemos arrostar o assunto com mais desembaraço.

Examinando a língua popular, a comum às várias classes, logo sentimos a discriminação dessas classes. A classe instruída fala uma língua totalmente distante do linguajar plebeu, inçado de gíria, modismos, regionalismos léxicos e sintáticos, calões especializados, etc.

Para todas essas classes, o critério único é o *uso geral*. Digo geral porque, nesse mundo, as criações pessoais se multiplicam ou surgem das particularidades de cada falante.

6. E aqui somos forçados a fazer o que até hoje não fizeram os tratadistas. Havemos de examinar a correção sob dois aspectos essenciais: o *léxico* e o *sintático*.

No primeiro, ainda havemos de discernir o *fônico*, o *mórfico*, o *semântico* e o *ecológico*. Atendendo à linguagem escrita, acrescentamos o *gráfico*. O maior absurdo é querer achar para todos o mesmo critério de correção.

7. Numa comunidade policiada, o critério do *uso*, na parte léxica da pronúncia, forma e grafia, vai sendo, pouco a pouco, desprestigiado pelo critério literário da autoridade. Assim, a grafia é oficial e, na escrita comum, passam a ser erros os desvios usuais do fixado pelo governo central. No vocabulário padrão, regula-se também a prosódia. Somente os sotaques escapam à determinação legal. A parte mórfica se normaliza em grande parte nesse vocabulário. O mais é regulado nas *gramáticas* onde são poucas, nesse particular, as divergências.

Quanto aos desvios semânticos, nenhuma padronização é possível e é mais nesse ponto, que nos demais, léxicos, que se sente o vigor da língua popular. As palavras mudam o sentido ou estendem-no rapidamente. Palavras inventadas

# CURSO DE LITERATURA

Prof. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

vão substituindo as tradicionais e somente as leis linguísticas podem indicar os rumos das criações. Em tal terreno, não há que ver a *correção*. Erro haverá, somente, num desvio ocasional do sentido aceito de uma palavra. Só o *ambiente*, o *meio* regional poderá notar o erro e corrigi-lo.

8. Tomo às ciências naturais a palavra *ecológico*, derivado de *oikos*, casa, morada, para designar o fato do uso exclusivo de palavras em certa região, quer designem objeto ou uso somente seu, quer designem objeto ou uso denotado de outro modo nas demais regiões. A pelagem de bois e cavalos tem nomenclatura muito diferente no nordeste e no Rio Grande. A candeia de querosene é *fijó* na Bahia, *lamparina* em vários lugares, *corriqueiro* em Alagoas, *bibiano* em Minas. Alberto Rangel, penso que em *Lume e Cinza*, tem, neste capítulo, preciosas indicações. Ele colecionou, por exemplo, todas as designações do *matuto* nos múltiplos Estados do Brasil: *caipira*, *tabaréu*, *mizungango*, *paruara*, *capiau*, etc., etc.

Em tal domínio, só um erro poderia cometer-se: o de um escritor que, localizando uma cena ou episódio em circunscrita região, pusesse, em bocas nativas, palavras estranhas ao seu falar. Nos romances balanos de Jorge Amado, a candeia é sempre *fijó*, na boca dos balanos.

Nos romances gaúchos, a nomenclatura regional é seguida à risca e péssima impressão faria o autor que denominasse objetos, animais, costumes, com vocábulos peregrinos. O critério ecológico é estritamente o do *uso*.

9. Jespersen (p. 96 e sg.) não reconhece o critério da autoridade oficial como decisivo para os casos da grafia, forma e prosódia das palavras, visto que, na Inglaterra, nada existe oficial, nem sequer uma Academia reguladora. Entretanto, acentua ele, há uma quantidade de coisas consideradas por todo inglês corretas e outras não. Em tal caso, em que pese a Jespersen, é ainda o critério da autoridade o que decide. Ele reconhece que são os *gramáticos* os fiéis da balança. Na maioria dos casos eles concordam e essa concordância se impõe em todas as escolas.

Em poucos casos, há divergências. Por vezes algum linguista, observando a fala usual se rebela contra os usos gramaticais assentados na língua padrão e reclama veementemente. Trava-se discussão. Enquanto não vinga uma das opiniões fica tudo como está. Vencida uma corrente, a outra propaga as novas conquistas e os escritores, no livro, na brochura, no jornal, passam a escrever de outro modo. Em qualquer caso, é sempre a autoridade dos mestres da língua o critério normal de correção.

10. Relativamente à *língua padrão*, à língua literária, oficial, à que vai servir à atividade de todos os cidadãos, à que deve estar acima dos regionalismos de qualquer espécie, o único admissível critério é a *tradição dos mestres da língua*.

Isso se verifica especialmente na sintaxe, isto é, na estrutura da língua.

Jespersen e outros incidem neste ponto em lamentáveis confusões. Como perderam de mira aquela *tradição*, investem contra esse critério desarrazoadamente.

Assim se exprime ele (p. 101): "Além de que esse modo de considerar a questão em nada vezes nada resolve a questão do que é correto em pronúncia — embora isso esteja incluído igualmente no domínio da linguagem correta — seu mais essencial defeito, em minha opinião, é que transfere a decisão a algo exterior ao domínio puramente linguístico". Primeiro, segundo ele, teríamos de escolher os autores mestres da língua e quem os iria selecionar? Depois, os mestres da língua em determinada época já não podem servir de padrão em outra época. Shakespeare, por exemplo, alto padrão para o inglês, de modo algum pode ser hoje seguido e as edições de Shakespeare não de levar glossário e comentários: Os comentadores seriam incapazes de apresentar o grande trágico por "modelo irrestritamente imutável". Demais, em qualquer país, dois grandes escritores não es-

crevem do mesmo modo. E as particularidades de cada autor? Iremos imitar o que reconhecidas sumidades literárias empregam destoando redundante do que os demais escrevem?

O exame minucioso do problema revelaria cabalmente o erro de Jespersen e os motivos da sua confusão.

O critério de correção, nesse caso, não está neste ou naquele escritor, em seus *modismos*, cacoes ou preferências. Está na *tradição dos mestres* da língua. Há duas qualidades de mestres: os *escritores* e os *gramáticos* (ou se preferirem *linguistas* aplicados à gramática, qual o próprio Jespersen).

11. Um grande autor pode desviar-se dessa tradição; nesse caso, o critério de correção o apontará réu. Vários erros se apontam em Camilo, arcaísmos em Filinto Elísio, galicismos em Eça. Quem abrir Arnaldo Gama, tão pujante romancista, encontrará sistematicamente o verbo *haver*, impessoal, concordando com o objeto direto. José de Alencar só dizia *eu sube*. Há trechos de Pantaleão de Aveiro, no seu *Itinerário*, onde o verbo *ter* está muito claramente empregado impessoal. Os escritores arcaicos usavam, *corretamente* para o seu tempo, os futuros e condicionais regulares de *dizer*, *fazer*, *trazer*. O catálogo desses *desvios* seria imenso.

12. Pergunta-se: por que são *desvios*?

Precisamente porque a *tradição* dos mestres não os legitima. Nem os escritores precedentes a Pantaleão de Aveiro, nem os subseqüentes aceitam *ter* impessoal. Aquêle emprego foi um desvio sem imitadores e, portanto, nenhum péço teve na evolução sintática do português.

Entretanto, outros desvios vingaram. A conjugação progressiva anterior ao século XVII era feita somente com o gerúndio. Surgiu depois a forma progressiva de infinito (tipo, *estou a ver*, por *estou vendo*). Foi popular primeiro, certamente. Passaram a escrevê-la. Os escritores a aceitaram, generalizou-se entre eles e hoje, em Portugal, é forma preferida à de gerúndio mantida no Brasil, quase exclusivamente.

De modo que, na *tradição*, há aparições, confirmações, exaltamentos, quedas, desvios, arcaizações; mas, o critério da correção não se entronca num ou noutro autor, por maior que seja, senão na sequência e adesão da universalidade de escritores e gramáticos.

Assim, a questão dos galicismos é, de vez em vez, repassada pelos gramáticos, aferidores do que o conjunto de escritores adotou ou não.

Ainda agora, em Portugal desvios sintáticos profundos se vão operando nos escritores mais graduados. A tais desvios opõem alguns gramáticos condenações sistemáticas.

Exemplo: a regência de *dizer* e *pedir* com *para*: "Eu lhe disse *para* vir logo à tarde" (em vez do clássico: *que venha*), ou: "Ele me pediu *para* lhe mandar o livro" (em vez de: *que lhe mandasse* o livro).

Tais regências aberrantes da tradição mais lídima e das determinações gramaticais mais severas, invadiram profundamente o falar comum e penetram vitoriosamente a língua literária. Provavelmente contaminarão, se já não contaminaram, a linguagem oficial. Caso isso se dê, teremos, para a mesma regência, duas possibilidades: seguir a tradição antiga; adotar a tradição nova, pois tradição é tanto o que recebemos como o que legamos.

Um dia, ante o fato consumado, como sucede em Portugal com o *se*, *si*, *sigo*, em tratamento, os gramáticos e linguistas, mestres também, juntarão suas chancelas ao triunfante desvio.

13. Compreendido assim, o critério de correção conferido à tradição dos mestres nada tem daquilo que entende Jespersen.

Demais é o *único seguido*. Em qualquer compêndio, para justificar um uso, citam-se exemplos abonatórios dos autores. Não há outra autoridade em sintaxe. Se o quadro de autores concordantes é de peso, a sintaxe é correta.

Qualquer uso novo, impugnado, tem de aguardar o pronunciamento dos mestres, sua adesão geral.

Esse critério pode estender-se a todos os casos (menos os já apontados, regidos pelo uso), porquanto, em grafia, prosódia, semântica (na língua geral) e morfologia os decretos governamentais ou das academias oficiais são consequência de estudos acurados feitos por comissões técnicas de eruditos. Portanto, ainda aqui, é a tradição dos mestres a autoridade única.

# Farsa Sobre Farsa OS SINDICATOS E O ANARQUISMO

Por MORALES GUZMAN

Verdadeiramente, estamos no melhor dos mundos possíveis!

Com arengas demagógicas, farsas, ridicularias e apêlos a falsos sentimentos, meio mundo apoia e exulta com a condenação do Cardeal Mindszenty.

Com rebates de sino, procissões, anátemas e manifestas demonstrações da ira divina, a outra metade reprova a condenação do mesmo respeitável indivíduo.

Bem razão tinha um tal Du Fay ao dizer que polos de mesmo nome se repelem!

A Igreja, inflexível nos seus dogmas, não arredando o pé de direitos por ela adquiridos no Concílio de Trento, se manteve até hoje, graças a essa mesma inflexibilidade mística. Por eles lutou, aproveitando Torquemadas, Inocências e Luises XIV; por causa deles persistiu em fixar a Terra no centro do sistema solar, queimou Giordano Bruno, atemorizou Galileu, excomungou Calvino e Lutero, anatematizou o protestantismo liberal, atacou o cristianismo científico, benzeu as armas dos exércitos italianos, expulsou de suas falanges o Bispo de Maura e, agora, por idêntica razão, volta a sua divina ira para o julgamento de um de seus divinos membros.

Ai está: a Igreja, que excomungou reis; durante séculos a maior potência política do mundo inteiro, tendo somente curvado a cerviz ao pulso de soberanos como Henrique VIII e Isabel da Inglaterra, vê-se ofendida, ludibriada universalmente em seus direitos espirituais... e políticos.

Mas esperemos os acontecimentos. Conforme soprarem os ventos, a história se repetirá. A inflexibilidade da Igreja é mais aparente que real. Contudo não lhe roubem o poder temporal dos papas e a influência política dos bispos, é capaz de se aliar ao tacão dos mais desbragados tiranos, sem, por isso, sentir pejo de fugir às tremendas responsabilidades morais e espirituais a ela confiadas.

A história presenciou um Vaticano divinamente furibundo contra as campanhas desenvolvidas por Napoleão na Itália, todos lhe presenciaram a cólera contra tamanho atentado ao seu prestígio; anos depois, esse mesmo Vaticano poltrão, que quase vira ruir aos seus pés a cidadela de Roma, dirige-se à França, aclamando, sob a graça divina, o imperador dos franceses: Napoleão I.

Agora, estamos na fase da ira divina! Bafejam os bons ventos as velas bolchevistas e teremos um Vaticano stalinicamente constituído. Veremos papas com grossos bigodes, abençoando ao santo Stalin, o ter livrado a igreja da pernicioso influência das chamadas nações democráticas que acabariam por tirar as ações canônicas o brilho e a majestade indispensáveis.

E o então ex-revolucionário Josef não recusará tão vantajosa aliança. O inestimável apóio da cegueira espiritual que as crenças religiosas emprestam às massas servir-lhe-á como arma, a adicionar a várias outras, da mesma espécie, embotadas pelo uso secular. "Salve papa Leão não sei quanto!"

"Salve Josef Stalin, o messias da Nova Igreja".

Esperemos, esperemos estas bombásticas exclamações!

SOCRAM

## MOVIMENTO ECONÓMICO DE "AÇÃO DIRETA" EM 1948

Contribuições:

Companheiros do Rio de Janeiro	18.600,00
Idem de São Paulo, Campinas e Presidente Bernardes	3.460,00
Idem do Rio Grande do Sul	1.060,00
Avulsos	75,00
	23.195,00
Saldo de 1947	1.490,00
Total da receita	24.685,00

Despesas:

Impressão dos números 44 a 51, clichês, talonários, papel, selos do correio e outras despesas de administração	20.133,00
Saldo para 1949	4.552,00

## BALANÇO DE JANEIRO E FEVEREIRO DE 1949

Contribuições de Janeiro:

Oiticica, 500; J. P. G., 100; H., 100;
--

Não é de mais nestes momentos, em que estimadas penas expõem com bastante clareza as realizações do sindicalismo revolucionário, frente ao sindicalismo político, com aspirações de chegar ao tope do Estado e criar um novo sistema estatal, onde a classe obreira mande e ordene sobre a vida social e cultural dos povos, que façamos algumas pequenas observações reafirmando uma vez mais o que representa atualmente para a classe produtora o sindicalismo revolucionário, sem dar lugar a confusões que, mais tarde, no decorrer dos anos, possam trazer graves desvios para o movimento obreiro organizado antipoliticamente.

Por direito de defesa, a classe obreira precisa de uma associação local, nacional e internacional que, à margem das cousas públicas do Estado e do capitalismo, se vá compenetrando dos princípios mais elementares da produção e da distribuição, conhecendo até onde chega sua responsabilidade profissional, moral e econômica.

Ao constituírem-se os sindicatos de especialidades e as federações locais e de zonas, determinam-se normas federalistas, táticas revolucionárias e princípios anárquicos. Federalistas, porque a base de toda unidade, ajuda e coesão, descansa sobre o indivíduo, sem ordens de cima para baixo, mas com determinações de baixo para cima, valorizando a autonomia, a independência e a liberdade, as iniciativas e as aspirações do Homem. Revolucionária, porque não é empregando métodos pacifistas que a classe obreira organizada poderá chegar a destruir a tirania do poder absoluto do Estado, senão eliminando suas funções com a ação dire-

ta revolucionária, respondendo à violência, com a violência, à guerra capitalista, com a revolução social. Com princípios anárquicos, porque sem um ideal os sindicatos seriam um corpo morto, entregues à materialidade das cousas e cometeriam os mesmos erros que antes combateram. Se entendemos que o malestar existente se baseia na falta de moral e de ética, não é menos certo que os sindicatos na atual sociedade, não são mais nem menos do que uma arma nas mãos da classe trabalhadora para combater e aniquilar os poderes e as forças do Estado e suas instituições.

Os sindicatos revolucionários, mantidos e alimentados por obreiros anarquistas, têm como única missão criar no homem o máximo de capacidade produtiva e conhecimentos culturais, com a finalidade de pôr em marcha a nova sociedade anárquica, estabelecendo, como primeira linha de transformação social, as bases econômicas e federalistas do comunismo libertário, onde a produção e a distribuição se desenvolvam dentro da mais completa igualdade de direitos e deveres de toda pessoa útil ao trabalho e à cooperação coletiva.

Nós outros não podemos admitir a afirmação de que os sindicatos revolucionários tenham como fundamentos aspirações próprias, princípios próprios e métodos de ação morais e éticos próprios. Manter esta premissa é um absurdo. Vamos ao sindicato para nêles desenvolvermos conjuntamente a ação direta revolucionária e transformá-los em escolas sociais e educativas do proletariado não político, não autoritário e não religioso.

França, Fevereiro de 1949

## Serviço de Imprensa e Propaganda das ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (AIT) E COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAL ANARQUISTA (CIA)

**Ecuador (AIT)** — Os militantes anarco-sindicalistas do Ecuador comunicam que, em reunião plenária, resolveram trabalhar com mais eficiência no seio das organizações econômicas.

**Rússia (CIA)** — Um anarquista russo escreve nas páginas do "Libertaire" uma série de artigos onde demonstra nada haver de paradisíaco naquele país.

**Uruguai (AIT)** — Seis obreiros navais, filiados à Federação de Construções Navais, como consequência de uma greve de solidariedade aos navais da Argentina, foram presos e estão sendo processados.

**Japão (CIA)** — O companheiro Yamaga, diretor do jornal anarquista "Heimin Shinbun" (Jornal do Povo), informa que o movimento anarquista japonês se reorganizou em Tóquio em 1948, realizando um congresso no mês de maio do mesmo ano, havendo já realizado 4 congressos; ao último, realizado em 1948, concorreram mais de 200 delegados; informa ainda que o "Jornal do Povo" aparece semanalmente e tem uma tiragem de oitenta mil exemplares.

**Argentina (AIT)** — A Federação de Obreiros em Construções Navais, juntamente com a Federação Obreira Regional Argentina (FORA) iniciaram uma campanha afim de obter a liberdade dos trabalhadores navais:

T., 100; C., 50; Cia., 50; A. S. R., 20; Est., 20; P. Campinas, 60; M. L. Campinas, 20; A. D. Campinas, 20.	
Total: 1.040,00.	

Febrero:

Oiticica, 500; Ney, 100; J. P. G., 100; Amil, 50; C., 50; D., 30; T., 100; Juventudes, 50; Distribuidor, 421,50; P. Campinas, 60; M. L. Campinas, 20; H. M. Campinas, 30.	
Total: 1.511,50.	

Receita:

Janeiro	1.040,00
---------	----------

Cano, Gomez, Perez e Zoletti, vítimas da democrática república uruguaia.

**França (AIT)** — Os jovens militantes filiados à Confederação Nacional do Trabalho (CNT francesa) trabalham ativamente para formar um movimento juvenil organizado que possa dedicar-se à propaganda sindicalista revolucionária no seio da juventude.

**Portugal (AIT)** — O secretariado da A. I. T. acaba de receber novo número de "A Batalha", publicação clandestina, órgão da Confederação Geral do Trabalho (CGT), secção portuguesa da AIT, que há mais de 20 anos se bate na clandestinidade. Este número de "A Batalha" tem data de novembro de 1948, e contém entre outras coisas, um informe sobre a realização de um plenário de militantes efetuado no mês de Outubro ao qual compareceram representantes de todas as regiões do país e da Juventude Anarquista; o jornal faz constar que este pleno era uma prova da força vital do movimento.

**Alemanha (CIA)** — A vida na zona russa se caracteriza pela miséria extrema das massas. Os habitantes estão dominados pelo medo, da mesma forma como o estavam sob o regime nazi; as pessoas só se manifestam nas rodas íntimas; em toda zona impera uma atmosfera típica dos regimes totalitários. Com efeito, na Alemanha, este território é designado pelo nome de "zona do silêncio".

Febrero	1.511,50
Saldo de 1948	4.552,00
Total da receita	7.103,50

Despesa:

Impressão do n.º 52 — Clichês, expedição, correspondência e outros gastos de administração:	2.464,10.
---	-----------

Receita	7.103,50
Despesa	2.464,10
Saldo para Março	4.639,40



"Salvemos a civilização cristã, esmagando os bárbaros que pretendem arrasá-la!" — tonitroa o órgão da Ação Católica, a propósito da condenação do cardeal húngaro. "Esmagaremos os que, como o Cardeal Mindszenty, pretendem fazer renascer o fascismo!" — opõem os "salvadores" da Hungria, através da soviética "Folha do Povo".

— A luta que ora se trava entre o urso da U. R. S. S. e os filhos da loba romana, ou seja, entre as feras que têm por covil o Kremlin e as que se aninham no Vaticano — umas e outras sopram permanentemente, para que não se extinga, o fogo dos inquisitoriais autos-de-fé, da Intolerância, do Fanatismo, do Ódio, da Superstição e da Violência organizada no Estado — só pode ser benéfica para as ovelhas — o povo inerme e pacífico — vítimas da gula insaciável de tais feras. Deixemos tranquilamente que elas se devorem, como os grilos do padre Patagônia.

"Ergue-se a voz do Pontífice para anatematizar os tiranos bolchevistas, que condenaram o cardeal José Mindszenty" — clamam as tubas ao serviço da Santa Madre Igreja.

— Se, de acordo com a doutrina católica, tudo quanto sucede no mundo sucede porque Deus, onisciente, onipresente, onividente e infinitamente misericordioso, assim o quer (Deus bem sabe o que faz, e tudo quanto faz ou consente que se faça é bem feito e para bem de suas criaturas, pois, do contrário, não seria infinitamente bom, o que equivale a dizer-se que não seria Deus), temos de concluir que os tiranos bolchevistas, que S. S. excomungou, representaram o papel de simples joguetes nas mãos invisíveis do Todo Poderoso, ao serviço dos imponderáveis desígnios divinos. Excomungando-os, S. S., em que pese à sua infalibilidade, cometeu grave infração à doutrina dos concílios, além de aparentar covardia, pois seria, em todo o caso, a Deus e não às suas miserandas criaturas (na hipótese, os tiranos bolchevistas), que o papa deveria pedir contas da humilhação infligida ao seu subordinado hierárquico, o cardeal húngaro. Em boa doutrina, o que S. S. deveria ter feito seria pedir a Deus por aqueles a quem o Senhor fez representar o antipático papel de herejes, para que Ele se amerceie deles e não os mande para o caldeirão eterno. Mas, não, Sua Santidade preferiu excomungá-los. E, depois, dizem que eu é que sou hereje...

"A condenação de Mindszenty é uma chicotada na face da humanidade" — afirmou o cardeal Frings, arcebispo de Colônia. — Toda a violência é uma chicotada nas faces da humanidade. Mas, onde estavas tu, cardeal Frings, que não fizeste soar a tua voz arcaica, no momento em que os juizes protestantes e católicos da América do Norte mandaram assassinar na cadeira-elétrica, por um crime sem provas, do qual mais tarde foram proclamados inocentes, os dois anarquistas italianos Sacco e Vanzetti? E' bem verdade que o Céu foi feito só para os católicos...

"Sentimos simpatia pelo cardeal Mindszenty, cruel e selvaticamente punido por ter expressado oposição ao governo húngaro. Quando um tirano tenta dobrar o mundo à sua vontade, os povos têm o direito de procurar reconquistar a liberdade para todos, sem distinção de classes nem de crenças" — declarou o dr. Garbett, arcebispo anglicano de York.

— Já S. Tomaz de Aquino exprimiu, quase pelas mesmas palavras, idêntica opinião. De lamentar é que tu, dr. Garbett, não te hajias lembrado de defender tese tão verdadeira, quando os "cristianíssimos" Franco e Salazar e os não menos "cristianíssimos" socialistas do govêno do teu país mandam friamente assassinar por um pelotão executor, ou nos campos-de-concentração do Tarrafal, ou nas terras mártires da Palestina e do imenso império inglês, aqueles que "procuram reconquistar a liberdade para todos".

"Viva Deus!" — eis o grito que ouvimos de muitas bocas, no dia da procissão-manifestação celebrada no Rio contra a sentença aplicada ao cardeal húngaro.

— Viva o Papa! Viva Dutra! Viva o Cardeal! Viva a Ação Católica! Viva mons. Arlindo Vieira! Viva o padre Olimpio de Melo! Viva a viúva do padre Olimpio de Melo! (se este morrer deixando viúva). Tudo isto são "vivas" admissíveis. Mas, "viva Deus" — Deus, com mil Diabos, que não teve nascimento e que porisso não está sujeito às fatais leis da Vida! — ultrapassa as fronteiras de tudo quanto é permitido! E, depois, eu é que sou o hereje...

"Por mais que o tentem os utopistas e os revolucionários sociais, jamais conseguirão destruir as fórmulas eternas do sistema capitalista" — sentencia gravemente um economista colaborador da penúltima página do jornal do sr. Chateaubriand, opondo à nossa a tese do papa Leão 13.

— Com que então o capitalismo, uma obra humana, tornada eterna?! O sistema econômico burguês é, pois, eterno?! Bravo! E eu a supor que eterno só Deus! E, depois, continuem a dizer que eu é que sou hereje...

"Só pelos caminhos da doutrina cristã, expressa por S. S. o papa Leão 13 e nos Evangelhos, poderemos chegar ao socialismo" — escreve um socialista católico (socialista e católico era, até há pouco, uma heresia), o sr. Domingos Velasco.

— Mas, meu caro sr., porque é, então, que, em vinte séculos de existência, amparado por todos os quase todos os governos, com todos os recursos à sua disposição, o cristianismo não levou senão à comunidade fradesca e de caserna, ao misticismo asceta, ao deserto, às fogueiras da Santa Inquisição, à monomania e à histeria religiosas, à triste eupatia, ao psicocídio, à opulência de uns e à miséria de outros, à tirania, à guerra entre as nações e entre as numerosas seitas religiosas, ao predomínio do rico sobre o pobre? E' que tudo pode ser — evangelicamente...

"Os anarquistas sonham com um mundo belo mas impossível" — assevera um anônimo no órgão da Wall Street carioca.

— O futuro tem vários nomes, meu ilustre desconhecido. Para os fraços e covardes, como você, chama-se Impossível; para os comodistas, Inútil; para os pensadores e os valentes, Ideal.

Seja qual for o fim, a atividade a que se proponha uma cooperativa — e podemos fazê-las para todos os fins, para a distribuição de mantimentos ou fabricação de utilidades, para a lavoura ou o ensino — é necessário começar com dinheiro. O grupo organizador da cooperativa deverá pois, antes de mais nada, realizar um trabalho de cooperação para juntar a importância indispensável, formando com ela o fundo social.

O desenvolvimento da sociedade cooperativa dependerá, a seguir, de uma série de fatores variáveis, entre os quais um volume monetário que permita adquirir os elementos do seu funcionamento e dar-lhes o destino conveniente.

A importância inicial, ou seja o fundo social, será de natureza fixa, sujeita naturalmente a aumentos exigidos pela expansão dos serviços da cooperativa. E' o fundo social fixo, estabelecido para garantir as instalações, móveis ou imóveis, da sociedade.

A segunda importância, de caráter oscilante, não precisa estar permanentemente em poder da cooperativa, e sim apenas enquanto esta dela tiver necessidade. E' como que um fundo de manutenção reembolsável, por meio de renovações periódicas reguladas em face de circunstâncias eventuais.

Mas de uma ou outra forma, o fato é que não se estabelece uma cooperativa sem contar com os meios reais asseguratórios da sua sobrevivência. Eis porque, diante dessa realidade, tem de desaparecer a relutância em usarmos os termos capitalistas do funcionamento dos negócios e das indústrias, sem fazermos negócio no sentido comercial do termo, sem explorarmos indústria no sentido vulgar desta atividade que conhecemos geralmente, dentro do regime atual, como sinônimo de escravização do operário e enriquecimento de companhias anônimas.

Um grupo de trabalhadores agrários pode comprar certa porção de terreno, os vizinhos de um bairro abrem um depósito de mantimentos ou artigos de vestir, outro grupo de operários instala uma oficina. Cada um destes grupos representa a cooperação entre os seus componentes, mas

## Fundo social da cooperativa

P. FERREIRA DA SILVA

não se detem aí o seu papel social. Ele há de associar-se mais tarde aos outros grupos da mesma natureza, aos grupos de atividades diversas que se completam e formam a coletividade cooperativista. Esta coletividade, tendo por objetivo apenas a função econômica, também ainda não representa tudo o que o cooperativismo pode ser. Das preocupações econômicas passa-se à vida social, às necessidades públicas, ao campo das ciências e das artes. Mas não precisamos exemplificar todas essas faces do problema, porque, estudar uma só, é resolver todos os seus pontos e mostrar a viabilidade das ramificações e ligações que virão a formar uma sociedade espontânea, nascida dos núcleos para a coletividade universal. E afastando dela todos os males e defeitos da autoridade pela simples ausência da autoridade; criando o intercooperativismo que permita por fim prescindir da moeda inteiramente, graças à distribuição dos artigos e serviços por um sistema federativo, teremos chegado ao comunismo livre, ao anarquismo, por um caminho que não é tortuoso nem sangrento.

Também não será sem luta, porque muitas coisas haverá que vencer, muita hostilidade procurará tolher os passos dos núcleos iniciais, e até muita indiferença dos próprios meios proletários quando se lhes disser que a cooperativa não pode dar lucros, desses lucros monetários, palpáveis, insanos, que o capitalismo insufla e entram insidiosamente na mentalidade do indivíduo pobre com as primeiras economias, mórmente se estas são de molde a deixá-lo antever a possibilidade de ampliá-las por qualquer processo especulativo.

A cooperativa não terá um número limitado de membros ou associados, e por isso mesmo as suas instalações também não devem ter limites pre-estabelecidos. Uma e outra coisa dependem do desenvolvimento da sociedade. O aumento

do número de associados terá como consequência a necessidade de ampliação das instalações ou serviços, portanto, dos encargos peculiares. E assim o fundo social fixo representará uma espécie de patrimônio imobilizado, mas não de importância fixa, pois que, representado pela contribuição inicial dos membros da cooperativa, aumentará à medida que o seu número aumentar, ou se as circunstâncias exigirem a suplementação de quotas.

Determinando-se o valor da quota de inscrição para o fundo social fixo da cooperativa, conforme as condições econômicas do grupo interessado na sua formação e de acordo com os objetivos imediatos da sociedade ou as primeiras exigências da sua instalação, cada associado depositará essa quota a fim de ser inscriturado num sistema adequado de contabilidade. Esse primeiro passo permite estabelecer a cooperativa e iniciar o seu funcionamento, que se desenvolverá segundo os planos traçados. A administração da cooperativa deve ter, porém, o maior cuidado em não empregar o fundo social de forma precária, arriscando-o a uma absorção inútil ou ao desaparecimento do seu valor.

A quota de inscrição, que o associado não recupera em seguida, há de ser módica e a determinação da sua importância obedecerá, naturalmente, às condições particulares do grupo. Outro motivo influirá nesse ponto: a espécie de atividade a que se destinar a cooperativa, ou a amplitude que se lhe queira dar. Mas em qualquer caso, o alcance dos recursos monetários das classes interessadas nestas cooperativas é relativo e isso tem de ser levado em conta, tanto mais que a eficiência maior da cooperativa depende logicamente do maior número de seus associados. E este maior número tem de ser atingido pela facilidade de participação.

Estabelecida a cooperativa, os recursos para mantê-la e desenvolver os seus serviços já podem ser obtidos por meio de outras contribuições, em forma de empréstimo reembolsável, lançado sobre a totalidade dos associados ou rateado por grupos de revezamento. A restituição e renovação dessas contribuições não deixará que se forme ou acumule capital, tão nocivo como os lucros.

Nos Balkans há um país tão pequeno que apenas consta nos mapas. Seu nome só aparece na imprensa de vez em quando, por ocasião de um golpe de Estado, ou melhor, da execução de um chefe político, como o de um dos numerosos Estados da América do Sul. Uns o consideram um país selvagem, país de saltadores de estradas, com chapéus à mexicana, despojando os viajantes pelos caminhos. Esse desgraçado país se chama Bulgária.

Desta vez, seu nome não aparece para anunciar um golpe de Estado, nem a execução de um chefe político, chefe de partido, mas para descrever o heroísmo, o valor moral e a tragédia de um povo inteiro, simbolizada pela vida atormentada e pelo nome de um modesto trabalhador, de um homem, de um anarquista.

Recentemente, uma nota anunciava: "Manol Vasseff e nove companheiros de Haskovo foram detidos."

Em vão, temos esperado informações mais completas para empreender, se necessário, uma campanha de imprensa. E, esperando essas informações que não são fáceis de obter através da pesada e impenetrável "cortina de ferro", queríamos levar ao conhecimento do proletariado mundial este nome e este homem, cuja sorte se poderia comparar com a de um Sacco, de um Vanzetti ou de um Nicolas Petkoff.

Na verdade, o nome de Manol Vasseff não é de todo desconhecido para os anarquistas: Manol Vasseff passou

### JOSE' PIEDRA VASQUEZ

Depois de longa e penosa enfermidade deixou de existir o companheiro José Piedra Vasquez, na localidade de Bagneres de Bigorre (H. P.), França, no dia 1 de janeiro.

Morreu aos 59 anos, sem haver perdido até os últimos momentos, a fé e a firmeza nos ideais anarquistas.

Foi conhecido militante nos meios libertários de Espanha e do Exílio.

Sua atuação em Sevilha e Barcelona valeu-lhe ter, ante seus amigos e companheiros, uma limpa e honrada personalidade moral e social.

Pertenceu ao primeiro Comitê Peninsular da F. A. I. e assistiu à Conferência celebrada em Valência em 1928. Conviveu com os velhos militantes anarquistas Pedro Vallina e Manuel Perez. Na intimidade era conhecido por seus amigos como o "Quixote da F. A. I.". Seu amor ao trabalho e responsabilidade profissional fizeram-lhe conquistar de todos, amigos e inimigos, o máximo de respeito e admiração. Para ele, nunca houve nada impossível. Grande batalhador com a pena, dedicou suas horas de repouso ao estudo dos principais problemas da sua classe.

Realizou ativo labor no exílio através de nossa imprensa, produzindo diversos trabalhos de vital importância para a economia federalista.

Perdemos um Homem e um Valor.

Ao seu enterro, no dia 3 de janeiro assistiram numerosos espanhóis antifascistas e filiados do movimento libertário, assim como os membros da Federação Local, J. J. L. L. e S. I. A.

A seus filhos Paco e Helios e a sua digna companheira expressamos nossa solidariedade exortando-os a continuar a obra da qual foi mais uma vítima do odioso regime de Franco.

# MANOL VASSEFF

## O PROLETARIADO MUNDIAL DEVE CONHECER ESTE NOME

já três vezes pelos campos de concentração bolchevístas. A primeira vez foi consequência da detenção de 93 companheiros reunidos em conferência extraordinária da F. A. C. B. (Federação Anarquista Comunista Bulgária), em Sofia, a 10 de março de 1945 — esteve seis meses no campo de Doupniza. Na segunda vez, foi mandado, quase por um ano, para o campo de Roussista, em 1946. E, na terceira, foi para Cutzyan, por ocasião da visita de Tito. Deste campo foi libertado graças à intervenção da União de Escritores Búlgaros. Atualmente, com a idade de cinquenta anos, está no cárcere depois de haver sofrido as mais abomináveis torturas.

Quem é este homem, caído mais uma vez, e talvez para sempre, nas garras da ditadura bolchevista? Que fez para merecer esse destino?

Filho de família pobre, desde sua juventude trabalhou na manufatura de tabaco, em Kustendil, sua cidade natal. Conquistado pelas idéias anarquistas, logo se revela um dos militantes anarquistas mais destacados nas lutas sindicais, conhecido, depois, em toda a Bulgária, com seu verdadeiro apelido: YORDAN SOTIROFF BARLAKOFF.

Fez o serviço militar na artilharia e tomou parte como soldado nos sucessos revolucionários que, em consequência das derrotas da Primeira Guerra Mundial, proporcionaram a abdicação e a fuga do rei Fernando.

E um dos fundadores da F. A. C. B. (1919), e se converteu no mais valente, no orador mais popular e no mais querido dos trabalhadores das cidades e dos campos. De 1920 a 1922, percorre o país, aos domingos e dias festivos, sem deixar seu trabalho de tabaqueiro. Nenhuma reunião pública, ou da organização, nenhuma greve se fazia sem ele. Onde via uma multidão, improvisava comícios, nas praças públicas, nos mercados, nas feiras.

Yordan Sotiroff teve de submeter-se à clandestinidade devido à provo-

cação policial em um comício. Este incidente custou a vida do prefeito na mesma sala. Pouco depois, com o golpe de Estado fascista de 9 de junho de 1923 e a sublevação revolucionária de setembro do mesmo ano, todo o movimento passava à clandestinidade e a maior parte dos militantes teve que refugiar-se no estrangeiro ou esconder-se na montanha. Enquanto outros, como o todo-poderoso ditador de hoje, Georges Dimitroff, se escondiam na Rússia antes que estalasse o movimento que eles haviam decretado, Sotiroff preferiu continuar o trabalho de sua profissão e a propaganda sempre ativa e aberta, mudando simplesmente de província e de nome. Desta maneira, sua cabeça revolucionária estava continuamente em perigo, por sua intrepidez. Passou 23 anos nestas condições, sem um dia de repouso.

O nome de Manol Vasseff logo se tornou popular entre os trabalhadores de Haskovo. Tomava parte em todas as reuniões e em todas as greves. Primeiro, empreendeu a luta com um folheto contra uma nova forma de racionalização na manipulação do tabaco que deixava sem trabalho e na miséria grande número de trabalhadores.

Pôs-se também à frente de um movimento de greves que terminou com uma manifestação nas ruas de Haskovo, a qual motivou sua prisão com o nome de Manol Vasseff, quando já estava condenado a 15 anos de cárcere com o nome de Sotiroff, com o qual jamais foi identificado.

Saindo do cárcere, teve de fazer pela segunda vez o serviço militar com seu novo apelido.

Quando da segunda guerra mundial, organizou um movimento de resistência na região de Haskovo. Em 9 de setembro, pôs-se à vanguarda do movimento revolucionário que tomou, de assalto, o quartel. Com isso, evitou a matança de todos os partidários que desciam da montanha e passeavam inconscientemente pelas ruas, como num dia de festa.

Venerado pelos trabalhadores, sem distinção de partido ou de organiza-

### LEITURA QUE ACONSELHAMOS

EM PORTUGUÊS

- Roberto das Neves — "Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Cr\$ 50,00.
- P. Kropotkine — "Em volta de uma vida" (autobiografia) — Cr\$ 40,00.
- Rodolfo Rocker — "Idéias absolutistas no socialismo" — Cr\$ 18,00.
- José Oiticica — "O Anarquismo ao alcance de todos" — Cr\$ 12,00.
- Tomaz da Fonseca — "Sermões da Montanha" — Cr\$ 40,00.
- Separata dos "Sermões da Montanha" com 30 gravuras — Cr\$ 5,00.

EM CASTELHANO

- Pompeyo Gener — "El Intelecto Helénico", História da Cultura Grega — Cr\$ 24,00.
- Franck Harris — "La Bomba" (A mais completa obra sobre a origem do Primeiro de Maio — Livro de 300 páginas — Cr\$ 24,00).
- Felipe Alaiz — "El Aparecido" — Cr\$ 4,00.
- Petro Gori — Ensaio e Conferencias — Cr\$ 25,00.
- "Calendário de S. I. A." — Cr\$ 11,00.
- "UNIVERSO" (Revista de Sociolo-



gia, ciência e arte, em três idiomas, espanhol, francês e italiano) — Cr\$ 7,00.

Aceitamos pedidos de assinatura a partir do número 49.

Todas estas publicações se encontram à venda na nossa Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.

ção, depois de 9 de setembro de 1944, era considerado o orador mais solicitado e mais aplaudido em todas as manifestações públicas. Sua fotografia foi exposta nas vitrinas de Haskovo. Jamais faltava a qualquer reunião cu comício da F. A. C. B.

Nunca deixou sua vida de trabalhador. No tempo do fascismo, ao regressar do cárcere ou dos campos de concentração, voltava ao trabalho para ganhar a vida. Estudando a vida e os homens, com uma profunda cultura de autodidata, jamais abandonou seu meio.

Para esse homem, para esse trabalhador, para esse revolucionário cuja movimentada vida não tem semelhança na Bulgária; para esse valioso militante, esse valente orador cuja nobreza humana é sem igual, e o nome, conhecido e amado de todos os que passaram pelos campos de concentração e de todos os trabalhadores do país, para esse homem que simboliza, em certo aspecto, a tenacidade, o espírito de combate e de solidariedade de todo o povo búlgaro, cuja sinceridade nas palavras, cujo ardor e probidade nos atos representam uma encarnação do anarquismo; para esse homem, só lhe reservam os campos de concentração e os cárceres bolchevistas.

Que significa a recente detenção de Manol Vasseff e de nove companheiros mais? Por enquanto nos abstemos de qualquer comentário. Queremos, porém, que todo o proletariado mundial se lembre desse nome e que esteja prevenido de que se prepara um grande crime contra todo o movimento anarquista, escolhendo como primeira vítima o militante mais representativo da F. A. C. B.

Para os agentes stalinianos em Sofia, tudo é possível: o destino e a vida inteira de um povo desditoso estão em suas mãos. São capazes de tudo, sem levar em conta nem a opinião dos trabalhadores do país, nem o desprezo do mundo inteiro. São capazes de todos os crimes, como o havia declarado Georges Dimitroff, quando da execução de Nicolas Petkoff, por desafiar seus defensores no estrangeiro. Porém, devem saber que a última palavra pertence ao proletariado mundial.

Podem julgar Manol Vasseff e seus amigos de não importa que "crime"

### Horóscopo duma criança real

Para muitos homens de igreja, o comunismo é simplesmente um por menor da organização temporal das sociedades, perfeitamente compatível com a hegemonia espiritual das hierarquias sacerdotais e até de todas as hierarquias tradicionais.

Esta ilusão parece ser partilhada por um alto dignitário anglicano, Dr. Johnson, deão de Canterbury, do qual o *Sunday Dispatch* de 12-12-48 reproduz a seguinte opinião: "Nada impediria que o comunismo na Inglaterra coexistisse com o poder real. Pode muito bem acontecer que o filho da princesa Isabel se torne rei duma Inglaterra comunista".

inventado pela G. P. O. U. búlgara. Podem matá-los e empreender depois uma matança sistemática dos anarquistas, apesar de conhecer a posição de sua Federação na hora atual e sua tática de se abster de toda ação violenta.

Porém, seria um suicídio para o bolchevismo mesmo, porque Manol Vasseff e seus amigos não são nem reacionários, nem burgueses, nem sequer representantes como Nicolas Petkoff (desde cedo muito honrado) da pequena burguesia.

Manol Vasseff e seus amigos, como a F. A. C. B. e todos os anarquistas búlgaros, são a voz libertadora dos trabalhadores búlgaros, a vanguarda, neste momento histórico, do proletariado mundial. Isso não se pode esquecer, a isso não se pode ficar indiferente.

Atenção! Césares Contemporâneos.

GR. BALKANSKY.



### ERRO DOS PROFETAS

Por J. TIBOGUE

A França marcha para o socialismo... dizia Luiz Bahia na "Vanguarda Socialista" de 12-10-45. Quanto caminho fizeram os socialistas franceses depois disso?

As notícias que nos chegam dessa França que marcha para o socialismo não são de modo nenhum reconfortantes e nos dizem bem que espécie de socialismo é esse.

Desde setembro último o muito socialista ministro do Interior Jules Moch mandou fazer um recenseamento em regra dos anarquistas; os proprietários dos locais onde se reuniam os grupos foram discretamente convidados a pôr na rua os seus ocupantes.

Vistes também com que socialista energia Jules Moch reprimiu as greves. Ontem eram as tropas senegalesas que atiravam sobre a multidão em S. Etienne, onde houve alguns mortos; minas do norte foram ocupadas pelo exército, havendo também mortos e feridos. Depois o porto de Dunquerque é ocupado pela polícia com o auxílio de tanques...

Jules Guesdes tinha dito: "Quando tivermos um governo socialista, a revolução será feita".

A França já teve vários governos socialistas, tem até um presidente socialista... e não houve revolução.

E a Inglaterra não tem um governo socialista? A política inglesa mudou? De modo nenhum!

Os socialistas brasileiros estão ainda na face das promessas. Que farão eles no dia em que governarem? Exatamente a mesma coisa que os socialistas franceses e ingleses.

Trabalhadores! Desconfiai desses que dizem pretender libertarvos mas na realidade querem apenas governar-vos!